



A nova direção do Detur promete transformar o Clube do Choro num belo ponto de encontro

Primeiro, surgiu à tona um projeto do arquiteto Oscar Niemeyer para a construção de um Centro Nacional de Cultura entre o Teatro Nacional e o Ministério das Minas e Energia. Duramente criticado, o projeto agora cede lugar a outra discussão: ao invés do prédio, por que não somar esforços e administrar em conjunto um programa cultural para Brasília?

Somar esforços e quebrar a imagem de cidade fria

CARMEM MORETHON
Da Editoria de Cultura

Na semana em que passava o cargo a seu sucessor, o ex-ministro da Cultura, Aluisio Pimentá, mostrou à imprensa um projeto do arquiteto Oscar Niemeyer para a construção de um Centro Nacional de Cultura a ser implantado em Brasília. A idéia: reunir espaço para a centralização das atividades das diversas áreas artístico/culturais. Não foram poucos os focos de insatisfação. Logo depois, o novo ministro, Celso Furtado, ao tomar posse, afirmava que a questão seria ainda exaustivamente estudada devido à importância de outros assuntos. Agora, o tema volta à pauta: a animadora cultural e pesquisadora Maria Duarte (autora da tese "Educação pela arte numa cidade nova: o caso Brasília") lança propostas que vêm de encontro frontal ao Centro, ou seja, por que, ao invés de criar mais um prédio, as entidades culturais já existentes na cidade não se unem para elaborar programação, administradas conjuntamente?

Até hoje, na história de Brasília, não houve uma ação coordenada pelos diversos órgãos do Governo do Distrito Federal no sentido de criar uma programação cultural. Uma lacuna que, se fosse analisada e preenchida, poderia dar fim ao enorme problema de falta de verbas vivenciado pelas diversas entidades culturais. Afinal, custos divididos e intenções somadas só podem gerar bons resultados. Uma programação idealizada segundo os interesses de órgãos como o Detur — Departamento de Turismo, Fundação Cultural do Distrito Federal e a Funarte (apesar de ser nacional) pode até implementar o turismo na cidade, além de criar novas oportunidades para os artistas locais.

O Detur e a Fundação Cultural estão, há duas semanas, sob nova direção. Pouco tempo para já se ter uma série de projetos em andamento, mas suficiente para se realizar os primeiros contatos. E é o que vem sendo feito, como explica Moacir de Oliveira, diretor-geral do Departamento de Turismo: "Uma das imagens que Brasília tem, e que precisa ser rompida, é que a cidade não fornece opções para o lazer. O nosso grande desafio é justamente quebrar essa imagem de cidade fria e juntar tudo numa ação coordenada. Para isto, na próxima semana, vamos nos reunir — Detur/Fundação Cultural do DF/Funarte — para começar a criar coisas. Ao invés de cada um ficar fazendo separado, há uma enorme margem de se fazer tudo junto".

SATÉLITES

Para os três agentes culturais, a construção de um Centro Nacional de Cultura é dispensável, por enquanto: "Brasília tem muitos espaços centralizados. Esse prédio da Fundação Cultural tem tudo. Acho que basta de centralização. A cidade tem espaços demais para serem ocupados culturalmente. É melhor aplicar o dinheiro equipando as cidades-satélites com pequenos e bem dotados espaços do que com mais um monumento no centro da cidade", argumenta o diretor da FCPF, Reynaldo Jardim. E não era para menos: a Cellândia, até hoje, não possui um palco em condições mínimas para receber um espetáculo, seja de dança, teatro ou música. E ela não é a única.

Os contatos estão sendo feitos e prometem muito. Diz Beth Jeckell, coordenadora da Funarte: "Já conversei com o Diretor da UnB, Cristóvam Buarque, com o Moacir, com o Reynaldo e com a secretária Vera Pinheiro a respeito de um encontro no qual se firme compro-



Beth Jeckell



Moacir de Oliveira



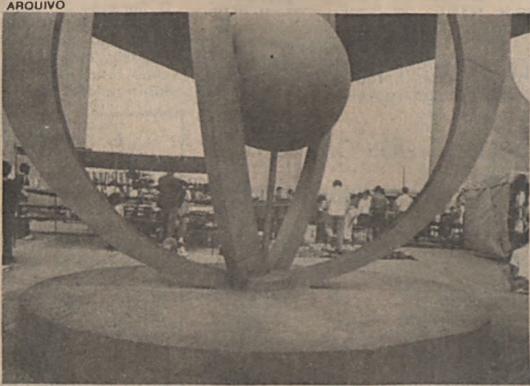
Reynaldo Jardim.



...além de artesanato oriundo de inspirações na cultura das diversas regiões brasileiras...



...as pessoas encontram clima para bate-papos e namoro. O sonho dos administradores culturais de Brasília é ver seus espaços ocupados com tanto dedicação.



Na Torre de Televisão, tida como o mais animado espaço cultural da cidade...

misso de os agentes trabalhar juntos. A partir daí, cada entidade pode optar por uma parceria, dependendo da afinidade dos objetivos. Mas que haja um compromisso mínimo de sintonia para a área cultural da cidade. Todos estão de acordo e esta reunião deverá acontecer na próxima semana".

Enquanto não parte para resoluções mais efetivas, cada órgão firma seus convênios, busca patrocínio junto à iniciativa privada e elabora projetos. "O Parque da Cidade é um espaço maravilhoso que é subutilizado. Acontece o mesmo com a Torre de TV e com a Concha Acústica (é um absurdo que, numa cidade onde há marcadamente seis meses de seca, não se tenha um calendário cheio de atividades

ao ar livre", afirma Moacir de Oliveira. Principalmente para o Detur, a união de forças é interessante: "O turista que vem visitar Brasília só fica um dia: vê todos os monumentos e vai embora. Se nós calçarmos a cidade com muitos eventos, estaremos oferecendo mais opções para os moradores e para os turistas também".

DETUR

Neste sentido, o Detur já está estudando todas as possibilidades: do Lago Paranoá à Praça das Fontes, passando pela reativação do Clube do Choro. Além disso, está sendo analisado, e já em vias de concretização, um convênio entre Detur/Fundação Cultural/Parque da Cidade, com o objetivo de or-

ganizar uma programação contínua para os vários espaços livres do Parque. Explica o diretor do Detur: "Passada esta primeira fase — esse mês de verdadeira avant première desse trabalho integrado — o convênio será agilizado e colocado em prática". Ele aponta o abandono ao Clube do Choro como uma das grandes falhas da administração do Departamento de Turismo até o momento: "O Clube pode ser aperfeiçoado. Temos a ideia de voltar a fazer o Casarão do Samba com espetáculos permanentes num trabalho conjunto com as escolas de samba de Brasília. Seria uma forma de trazer nomes consagrados nacionalmente e também de melhorar a situação financeira de cada escola".

Da Funarte também nascem iniciativas unificadoras. Um exemplo é o Corredor da Arte, que vai acontecer como um prolongamento da feira de artesanato da Torre de TV: "Será uma feira que vai expor produtos que não estão no comércio: jóias de prata, serigrafias, camisetas, alimentos. E vai contar com a animação de shows ao ar livre e com a troca de informações de colecionadores e sebos de livros e discos", coloca Beth Jeckell. O evento — que está em fase final de elaboração — acontecerá mensalmente, aos domingos, sendo que o primeiro já está programado para o próximo dia 30.

A Fundação Cultural do Distrito Federal está com um verdadeiro pacote cultural para ser posto em prática e com a função de ocupar a Asa Sul, a Asa Norte e as cidades-satélites. Coloca Reynaldo Jardim: "O processo de unificação é natural, as entidades devem convergir para uma meta comum e não só as locais, como também as de nível nacional. Nós já estamos firmando contratos com as fundações Clóvis Salgado, de Minas Gerais, e de Curitiba para o intercâmbio de espetáculos. Vamos continuar contactando outras mais".

TORRE DE TV

O grande trunfo de uma ação conjunta está na questão orçamentária. Atualmente, nenhuma instituição em Brasília tem condições de custear um projeto abrangente sozinho: "O caminho é esse, se ficarmos isolados resolvendo questões de custo não vamos conseguir fazer nada", esclarece Beth Jeckell. A prova está no próprio Corredor da Arte, que será realizado em convênio com o Detur: "Vamos abrir um espaço na cidade perto do ponto que mais um gente, que é a Torre de TV. Correto, resolvemos a questão de custo e melhoramos a programação de Brasília".

Outro ponto positivo está, segundo Beth, no fato de que quando as instituições se juntam, há também a convergência de públicos diferentes: "Devemos buscar um traço de trabalho coletivo para chegar a uma proposta que tenha interesse comum".

Brasília a olhos de M

Os jornais brasileiros, estrangeiros e até estrangeiros anunciam a retomada de Brasília por seus criadores, em especial por Oscar Niemeyer. Com total apoio do governador José Aparecido, que prometeu governar a cidade com "os olhos de Niemeyer", e do secretário de Viação e Obras, Carlos Magalhães, o criador da nova capital brasileira, aproveita a maré. Neste momento, estão em andamento a construção do Panteão Tancredo Neves, para inauguração no dia 21 de abril; a reforma da Catedral Metropolitana; a retirada de placas de mármore do Palácio da Justiça, que se completará com alterações no perfil das colunas que sustentam suas cascatas; e a construção de casas de banho destinadas a motoristas de táxi no Gama e em Taguatinga.

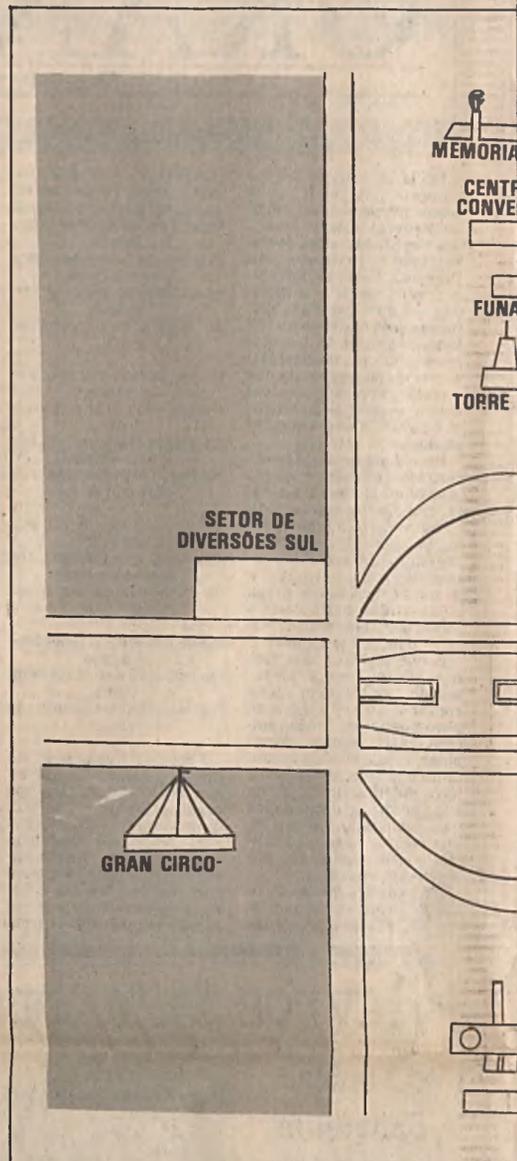
Para completar este quadro, está em discussão (à revelia de Niemeyer) o projeto de construção de conjunto arquitetônico que agregará à sede burocrática do Ministério da Cultura, o Centro Nacional de Cultura, obra orçada em 150 milhões de cruzados.

Artistas e arquitetos têm tal obra como "supérflua", em momento de anunciada contenção de despesas do Governo

MILA PETRILLO



Ninguém sabe a função das marquises que ladeiam o escritório brasiliense da Funarte. Foto Mila Petrillo



O avesso

A vida de Brasília está morta. Pelo menos no sentimento dos turistas que se limitam a descobrir a cidade apenas através dos seus frios — embora interessantes — cartões-postais. Azar deles, que ainda não compreenderam que a Esplanada dos Ministérios, a Catedral, o Congresso Nacional, os palácios e até mesmo os inúmeros museus, existem mais em função das autoridades, parlamentares, empresários, burocratas e os próprios turistas, do que dos habitantes.

A vida de Brasília está viva justamente aos que dispõem o guia e o roteiro turístico e resolvem conhecer a cidade pelo avesso. Esses, sem muito esforço e gastando menos, acabam concluindo rapidamente que o povo da capital do País está muito mais para a Torre de Televisão do que para a Catedral. Ou melhor: o povo está mais a fim de fazer sua própria vida do que viver em função dos monumentos e obras que dão vida ao poder. Que o poder fique com os poderosos ou com aqueles que só sobrevivem à sombra dele, pois os habitantes estão querendo mais é mudar essa ideia de que Brasília é apenas um grande monumento.

A Torre de Televisão, certa-

além dos Niemeyer

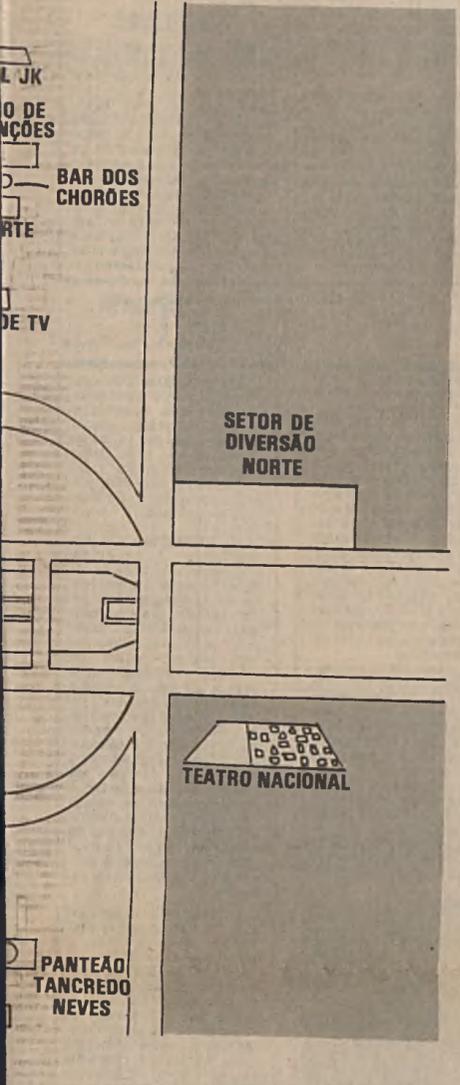
Sarney. E mais: propõem que a variada gama de equipamentos culturais disponível no Eixo Monumental — do Memorial JK à Praça dos Três Poderes — seja integrada e realmente dinamizada.

Nesta página, ouvimos depoimentos dos diretores da Fundação Cultural do DF, do Detur e da Funarte, que se mostraram dispostos a "somar esforços e diminuir custos".

Ouvimos, também, os arquitetos José Carlos Coutinho e Luis Humberto, professores da UnB, nos Departamentos de Arquitetura e Comunicação, respectivamente.

Dois brasileiros apaixonados pela cidade, Coutinho e Humberto analisam as novas obras de Niemeyer, seu caráter prioritário ou secundário, e constataam que Brasília já não é mais um mero aglomerado populacional. E, até, mais que urbis e civita. E polis. E concluem: "o governador deve governar Brasília com os olhos do brasileiro e não com os olhos de Oscar Niemeyer".

O repórter Pelágio Gondim, em tom de crônica, faz um passeio por lugares que não figuram nos cartões postais, reproduções de frios monumentos, e constata que os turistas ainda não descobriram as "bocas".



Nos subsolos do Centro de Convenções há áreas enormes e subutilizadas. Milla Petrillo

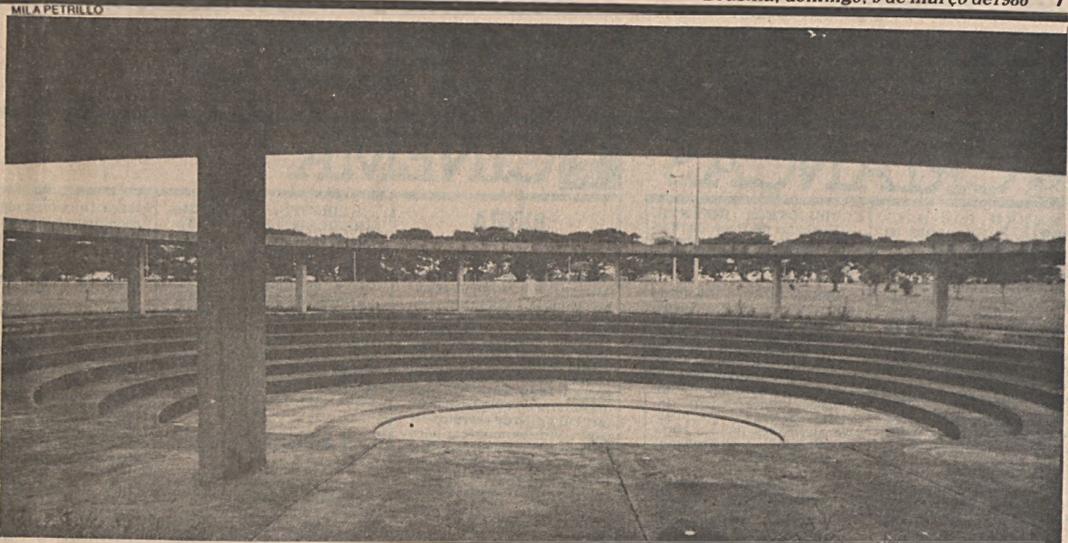
o dos cartões postais

PELAGIO GONDIM
Da Editoria de Cidade

mente, é a obra oficial mais popular da cidade. No Eixo Monumental, é a única ocupada, de fato, pela população. Aos domingos, a Torre mais parece aquelas praças em frente às igrejas do Interior brasileiro. Tem piqueteiro, sorveteiro, artesão e namorados de mãos dadas, deitados à sombra de uma árvore. É, na verdade, o grande lazer dominical das famílias da periferia.

uma grande área de lazer. Ali, existem duas casas de karaokê, um bolche, um salão de sinuca, lanchonetes e jogos eletrônicos. Não há nenhuma sofisticação. Essa fica por conta dos próprios habitantes desses espaços, que não dispensam roupas ousadas e adereços sofisticados. Também não há distinção de idade. Tem guri de 13, marmanjo de 35, gatinhas de 15 e senhoras de 40. As vezes, até parece uma grande festa familiar.

ou com transas mal resolvidas, são os principais frequentadores, competindo na mesma proporção com os profissionais liberais, especialmente advogados. Já que o Tribunal de Justiça e as Secretarias do Governo ficam bem perto. De vez em quando, alguém é surpreendido com a mão na massa dentro do carro.



No Teatro de arena do Centro de Convenções, nunca houve atividade que mobilizasse a comunidade. Foto Milla Petrillo.

Arquiteto retoma a cidade e brasilienses questionam

MARIA DO ROSARIO CAETANO
Da Editoria de Cultura

Difficilmente encontraremos, em Brasília, alguém que a ame com a intensidade de José Carlos Coutinho, um gaúcho de 51 anos, arquiteto, professor da UnB, ex-presidente do IAB-DF (Instituto dos Arquitetos), radicado aqui desde 1968.

E é em nome desta enorme paixão pela cidade (que ele acompanha como cidadão participante) que fomos ouvir suas opiniões sobre o momento em que Brasília é retomada por um de seus criadores, o arquiteto Oscar Niemeyer. Vale lembrar que, ao assumir o Governo do Distrito Federal, José Aparecido prometeu "governar a cidade com os olhos de Niemeyer". Naquele mal, há quase um ano atrás, Coutinho comentou com amigos: "as mudanças virão e o governador Aparecido nos traz esperanças. Só espero que ao invés de governar a cidade com os olhos de Niemeyer, ele a governe com os olhos dos brasilienses". E explicou: "Brasília pertence à sua população, que a conquistou num momento muito duro. Portanto, ninguém melhor que seus moradores para opinar e dizer o que querem. E, portanto, com os olhos dos brasilienses, que José Aparecido deve governar Brasília".

Ninguém deduza, porém, que Coutinho tem algo contra a (ou) presença de Oscar Niemeyer na cidade. Antes de qualquer declaração, faz questão de registrar: "Niemeyer é um dos maiores arquitetos do mundo. Sua importância para o Brasil é similar à de Cândido Portinari e Heltor Villa-Lobos. Falar mal de Niemeyer pode até parecer atitude despiciada".

Um brasiliense apaixonado como Coutinho, porém, não se furta a comentar a retomada de Brasília empreendida por Oscar Niemeyer, apoiado no governador José Aparecido e no secretário de Viação e Obras, Carlos Magalhães. Esta "retomada", noticiada por jornais e revistas brasileiros e estrangeiros, começou com as obras da Círculo, e prosseguiu com projetos que estão, hoje, em andamento; a construção do Panteão Tancredo Neves; a reforma da Catedral, a retrada dos mármores da fachada do Palácio da Justiça, o projeto de construção do Centro Nacional de Cultura, agregado à sede do MinC; e a construção em Taguatinga e Gama, de casas de banho para motoristas de táxi.

O caráter secundário de muitas destas obras e o fato de serem retomadas, neste momento, atendendo a vaidades de Oscar Niemeyer, escorado na fama internacional de seu nome são assuntos correntes na cidade. Arquitetos jovens e artistas, em especial, têm reclamado da pouca atenção dispensada às cidades-satélites. Enquanto no Plano Piloto se arranca mármore da fachada do Palácio da Justiça, na Celiândia, 45 famílias, vítimas da erosão do Setor "P", são abrigadas em minúsculas salas de um CSD (Centro de Desenvolvimento Social).

DEVOLUÇÃO A NIEMEYER

A entrevista de Coutinho contou com colaboração valiosa: a de Luis Humberto, 51 anos, ex-diretor da Fundação Cultural do DF, fotógrafo, professor da UnB e arquiteto. Amigos (unidos pela mesma paixão por Brasília e pela UnB) estes dois pioneiros (Humberto está na cidade há 25 anos e Coutinho, há 18) falam das mudanças ora verificadas em Brasília. Coutinho, com seu equilíbrio e suas ponderações, sem nunca perder o senso crítico. Luis Humberto, com sua ironia, malícia, e senso crítico cortante.

— Como vocês vêem esta "devolução" da cidade a Niemeyer?

Coutinho: Sempre lamentamos a maneira bruta com que Oscar e Lúcio (Costa) foram afastados da cidade. Os governos militares, ao tomar tal atitude, agravam de forma desrespeitosa e arbitrária. Isso, porém, não significa que a cidade tenha que ser devolvida a eles. Nem a eles, nem a ninguém. Brasília pertence à sua população, que a



José Carlos Coutinho: "O brasiliense conquistou sua cidade em momento de autoritarismo. Ficou aqui e fez de Brasília mais que uma urbis e civitas, uma polis". Foto Milla Petrillo.

conquistou em momentos muito duros. Ninguém, portanto, melhor que a própria população para opinar sobre mudanças e prioridades. Não há dúvida a ser resgatada pelos criadores de Brasília. Como eles, muitos e muitos brasileiros foram vítimas do autoritarismo e, nem por isso, estão aí cobrando. Para mim, Oscar e Lúcio são bem-vindos em qualquer circunstância, desde que isso não implique em exclusividade de trabalho. Há toda uma geração de arquitetos, muitos formados na UnB, que disputa espaço para mostrar sua competência. Por isto, em muitas oportunidades, defendemos concurso público. Reforço, porém, que temos pelos dois o maior respeito e que, ambos, tiveram papel importante na nossa formação profissional.

Humberto: A cidade não pode ser recuperada a partir do resgate de obras individuais. Hoje, o País e a população, Intelros, reclamam dos anos de autoritarismo, quando fomos sufocados. Então, Oscar e Lúcio não foram os únicos injustiçados. O governador José Aparecido tem que ter consciência disso. Defendo a idéia de que o IAB (Instituto dos Arquitetos do Brasil) deve gerenciar concursos públicos, para se evitar o patronato cultural.

— Das obras de Niemeyer postas em execução neste momento, quatro atendem ao Plano Piloto e só uma, simples casas de banho, atende às satélites. Como você vê esta questão?

Coutinho: Não acho correto colocar o antagonismo "obras no Plano Piloto versus obras nas satélites". Esta colocação me parece demagógica e incorreta. É errado dizer que por causa da Círculo se deixou de construir moradias populares nas satélites, uma vez que o dinheiro que falta para atender às necessidades das populações menos favorecidas do DF não é, necessariamente, gasto no Plano Piloto. Há que se cuidar do PP e das satélites, simultaneamente, estabelecendo graus de prioridade. A Círculo, por exemplo, foi uma obra barata e importante, pois recuperou áreas apropriadas indevidamente. Quanto às "casas de banho" para motoristas de táxi, nas satélites, tenho para mim que são uma concessão política à opinião pública, já que tal obra não foi solicitada. Definiu-se, de cima para baixo, que os motoristas queriam isso.

Humberto: Esta questão do Centro Nacional da Cultura e da sede do MinC resulta do fato do Ministério não ter Programa, mas já ter Arquitetura. Quem definiu que o MinC deve vir aco-

plado a um Centro Nacional de Cultura? Por enquanto, o que se pode deprender deste projeto é que trata-se de mais uma obra gigantesca, além de prematura. Mas afinal, cada farão tem a pirâmide que merece. Quem disse que Brasília precisa de mais um conjunto arquitetônico? O Centro George Pompidou de Paris nasceu depois de dois milênios de história, enquanto Brasília tem 25 anos e mal vividos. E há aberrações graves. No período que passei na Fundação Cultural, tive que enfrentar problemas sérios como discutir com a população de Taguatinga, a gestão de um auditório de escola transformado em teatro. Brigava-se por esta mígalha, já que a cidade, de 600 mil habitantes, não dispõe de um teatro sequer. Independente da rede escolar. Enquanto isto, o PP conta com uma rede de equipamentos, ditos culturais, espantosa.

— Frente a tal quadro, deve-se investir em "caprichos" como a retrada de mármore da fachada do Palácio da Justiça e na conclusão da Catedral?

Coutinho: É preciso lembrar que a Catedral conta com recursos privados em sua recuperação. Com este atenuante, só nos resta esperar que ela seja concluída e chegue à sua forma definitiva. Quanto à reforma do Palácio da Justiça, temos mesmo que admitir que não é prioritária. Num momento de dificuldade financeira, não podemos gastar recursos públicos para que se satisfaca um capricho. Se um dia, por exemplo, Volpi resolvesse retirar bandeirinha de um quadro seu, que entendesse estar sobrando, não deveria fazê-lo com recursos públicos.

— É possível gastar um milhão de cruzados na retrada de placas de mármore da fachada de um prédio?

Coutinho: Além de retirar os mármores, as colunas serão reconstruídas, para voltar ao projeto original. Tenho uma amiga que diz que o Palácio da Justiça é a "Beija-Flor de Nilópolis do Planalto".

— O que ela quer dizer com este comentário?

Coutinho — Ela dá sua opinião sobre o Palácio, que lembra, com suas cascatas, um clima de filme de Esther Williams, algo próximo à exuberância das escolas de samba. Quem compara o Palácio da Justiça com o Palácio dos Arcos (Itamarati) tem esta impressão, já que este último é uma maravilha clássica, sóbria, um reencontro com o templo grego.

construção do Panteão Tancredo Neves, se na outra extremidade do Eixo Monumental está o Memorial JK? É sabido, na cidade, que o Memorial e os outros 12 ou 13 museus da cidade são pouquíssimo visitados. Para que, então, mais um museu?

Humberto: Brasília está virando uma necrópole. Se continuar assim, acabará tornando-se a maior depositária brasileira de acervo fúnebre. Não sei porque criar mais museus, se nem os existentes cumprem sua função. O Memorial JK passa por dificuldades graves para se manter. Durante minha gestão na FPDF, muitas e muitas vezes recebi pedidos de auxílios dos dirigentes da instituição, que lutava para mantê-la funcionando. Além disso, temos que constatar que não havia necessidade de se erigir um museu para JK, uma vez que Brasília, em si, é um monumento ao seu implantador. Quanto a Tancredo, era melhor esperar-mos que o tempo possibilitasse uma real aferição de seu papel histórico. Só o povo, com sua análise, poderá definir, se ele ficará na História.

— Coutinho: O Panteão tem um atenuante, já que está sendo construído com ajuda do Bradesco. Concordo que a homenagem a Tancredo Neves é merecida, mas apressada e superdimensionada. Por que dedicar obra de tal dimensão a um personagem de quem a História não fez a necessária decantação? Outro dado que me preocupa, no caso do Panteão em construção na Praça dos Três Poderes é a demolição do Pombal. Afinal, o "prevedor" tornou-se elemento da paisagem, carregado de simbolismo. Em momento como o da vitória na Copa do Mundo e os funerais de Tancredo, a população subiu no Pombal para conseguir melhor visibilidade. Vai sentir falta deste elemento já tão integrado na praça. E a demolição do Pombal acontecerá num processo de permuta que julgo equivocado. Tira-se outro elemento da Praça (o Mastro Monumental) que não está de acordo com a harmonia do local e traz simbologia que muitos querem esquecida, e em troca, o próprio Niemeyer retira uma obra sua. E a população? Ela não tem direito a opinar, de defender equipamentos que lhe são simbolicamente familiares?

— É a questão da erosão, que hoje atormenta 45 famílias de Celiândia? A solução de Niemeyer para local — um teatro grego — não agrada à comunidade e nem teve tempo de ser executada. O que fazer para resolver problemas tão graves?

Coutinho — Os problemas das erosões de Celiândia que causaram aquela enorme cratera são gravíssimos. É necessário lembrar que eles precedem a administração atual e que são resultado e reflexo da imprevidência das administrações públicas. Por isto, os problemas se avolumaram e hoje a solução tornou-se cara e difícil. Quanto ao Teatro Grego, creio que foi uma ironia de Niemeyer, um gesto lúdico, uma brincadeira. Não creio que ele levasse essa idéia a sério. Para um projeto de tal dimensão, a comunidade deve ser ouvida. Por isto, repito que Brasília não é mais um mero agrupamento populacional, não é só urbis e civitas, é polis. Por isto, acho que a questão dos museus está totalmente errada.

Humberto: Minha experiência na FPDF me mostrou de forma cristalina, que o fundamental é o processo cultural e não a produção em série de eventos que não deixam resquícios. Por isto, antes de construir qualquer novo espaço cultural, é preciso pensar, organicamente, a função dos equipamentos já existentes. O Centro de Convenções é subutilizado. Aliás, nasceu como Espaço Cultural e, sem função, foi vocacionado para convenções. Logo abaixo, vemos o espaço da Funarte, que se liga, ou melhor, se ligaria a alguma coisa, pois há enormes marquises em suas laterais. Só que estas marquises não nos conduzem a nada. Tenho o maior respeito por Oscar Niemeyer, mas há que se discordar da idéia de que a cidade está sendo retomada, recuperada. Na verdade, estão sendo recuperadas obras individuais.